

## Práticas escolares no ensino de Língua materna: um olhar sobre a metodologia do professor

André Fernandes Maia de Medeiros<sup>1</sup>

**Resumo** O trabalho que ora apresentamos tem como objetivo propor uma reflexão acerca das práticas escolares do ensino de língua materna. Para tanto, observamos algumas aulas de língua portuguesa, realizadas em uma escola particular no município de Caraúbas, para identificarmos, entre outras questões, que concepção de linguagem pode ser identificada nesse processo de ensino/aprendizagem da língua materna. Com isso, buscamos compreender de que maneira o professor, na condição de indivíduo detentor de suas ações e como parte fundamental do fazer ensinar/aprender, posiciona-se diante do processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa em sala de aula. À luz dos estudos de alguns autores, como Possenti (2002), Gomes (2009), Marcuschi (2010) e outros que versaram sobre o ensino de língua materna, procuramos produzir uma discussão que contextualize aspectos do cenário que situa este tema na atualidade. Neste sentido, entendemos que se trata de um tema complexo, pois todo e qualquer ensino de língua ultrapassa os limites da sala de aula e dialoga com a diversidade social que envolve alunos e professores.

**Palavras-chave:** Ensino. Língua Materna. Práticas Escolares.

### Introdução

O estudo e o acompanhamento da evolução do ensino de língua materna têm se mostrado em constante processo de transformação no meio social. Desse modo, a escola, como um espaço de transformação das mudanças ocasionadas pela sociedade, aparece nesse cenário com a proposta de revisar certas realidades linguísticas interligadas ao contexto do ensino e da aprendizagem em sala de aula. Nesse sentido, para refletir sobre que concepções de linguagem são trabalhadas em sala de aula, observamos cinco aulas de língua portuguesa, ministradas no 7º Ano do Ensino Fundamental de uma escola particular, no município de Caraúbas – RN.

Sabemos que existe um conjunto de fatores que ainda precisam se concatenar e servir de auxílio para o alcance de alguns dos objetivos traçados pela escola quanto ao ensino de língua materna. Há uma realidade que se apresenta ainda resistente a alguns métodos trabalhados. Possenti (2002, p. 16) exemplifica essa realidade dizendo que

[...] frequentemente, pesquisadores são chamados para falar a professores, na esperança de que aqueles apresentem a estes um programa de ensino que funcione. Em certas circunstâncias, espera-se que tal programa funcione sem qualquer outra mudança na escola e nos professores. Espera-se que os especialistas tragam propostas “práticas”. Em geral, um pesquisador não fornece

<sup>1</sup> Graduando do 3º ano do curso de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

tais programas. Nem adiantaria fazê-lo. É que, para que o ensino mude, não basta remendar alguns aspectos. É necessária uma revolução. No caso específico do ensino de português, nada será resolvido se não mudar a concepção de língua na escola (o que já acontece em muitos lugares, embora às vezes haja discursos novos e uma prática antiga).

Quando nos vemos diante do dever de ensinar aquilo que julgamos ser importante para os nossos alunos, diversas dúvidas relacionadas à prática de sala de aula vêm colocar em pauta a postura do professor perante a disciplina que ele leciona. Uma dessas dúvidas, talvez a principal de todas elas, seria, por exemplo, se os quesitos que correspondem à escrita, oralidade e leitura de textos estão sendo contemplados igualmente nas aulas de Língua Portuguesa. E, se sim, de que maneira, pois uma vez vendo o professor de Língua Portuguesa como agente das ações que acompanham as transformações sociais da língua, é justo e necessário saber se o conhecimento da disciplina está sendo construído de forma satisfatória e plena.

Assim, conforme dissemos inicialmente, realizarmos esse estudo, optando por observar cinco aulas de Língua Portuguesa de um professor formado em Letras, com habilitação em Língua Espanhola e em Língua Portuguesa, de uma escola de ensino fundamental da rede privada, na perspectiva de observarmos algumas considerações teóricas que estão na base dessa discussão, principalmente no que concerne à concepção de linguagem trabalhada pelo professor em sala de aula.

### **Os bancos escolares e o ensino de língua materna: teorização das práticas escolares quanto ao ensino de língua materna e de língua padrão**

Alguns dos direcionamentos atribuídos ao ensino de língua materna advêm de alguns dos objetivos contemplados pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Desse modo, no que diz respeito às aulas de Língua Portuguesa, o ensino fundamental é visto como um dos espaços propícios para o desenvolvimento educacional e linguístico do aluno. É nesse espaço, onde ele manterá contato com os gêneros textuais e conseguirá desenvolver melhor suas habilidades comunicativas, sejam elas no âmbito da escrita, da leitura, da interpretação de textos, da oralidade ou do censo crítico. Gomes (2009, p. 95), citando os PCN, considera que

[...] no processo de ensino-aprendizagem dos diferentes ciclos do ensino fundamental, espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da

linguagem, de modo a possibilitar sua interação efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania.

A partir dessa preocupação de como formar bons interlocutores no meio social, Silva e Martins (2010, p. 28) apresentam algumas concepções de ensino e de linguagem dizendo que o texto é a porta de entrada para muitas das vertentes que englobam a leitura e a estruturação da língua. Segundo os autores,

[...] é preciso garantir um tipo de trabalho que requer grande esforço: o exercício do silêncio (uma primeira leitura para nos aproximarmos dos núcleos conceituais presentes no texto), o convite à curiosidade (as perguntas iniciais que fazemos ao texto desconhecido), a possibilidade de levantar hipóteses (as noções primeiras para as quais o texto nos move), a prática da reflexão (a tentativa de recuperarmos as marcas, as âncoras que estão impressas no texto e que não nos permitem devaneios absolutos), o exercício de transformação (a necessidade de submetermos as ideias do texto à instância da experiência, dos acervos criados pelos sujeitos leitores). (SILVA e MARTINS, 2010, p. 28).

Tais métodos de trabalho e de constituição da linguagem têm por base a aquisição da norma padrão. Nesse sentido, não caberia compreender a língua como um conjunto de signos linguísticos estanques e de caráter descritivo, pois o mesmo se permanece em constante processo de transformação. Desse modo, no que tange as considerações do ensino de língua materna em relação ao ensino de gramática, não seria pertinente compreender o estudo da língua como sendo descritivo e tampouco funcional do ambiente social pelo qual o aluno faz parte.

Ao propor uma discussão sobre essa temática, Geraldi (2010, p. 183) assinala que

[...] apesar desta crença ser tão difundida entre nós, sabemos que a proficiência em língua resulta muito mais do convívio com o padrão – na leitura, na escuta, na produção – do que do conhecimento de normas. E entenda-se: o padrão é mutável e nem sempre é desejável, e por isso quando se fala no ensino da língua padrão, não se está definindo um padrão específico, fixo, estabilizado. Ao contrário, pensar o padrão de uma língua é pensar sua vitalidade e movimento. Para muitos, o padrão pode ser precisamente aquele que os guardiões da língua destacam.

Neste embate, pelo qual a língua tem passado, constantes transformações em volta dessa temática, como o ressurgimento e a revisão de alguns dos parâmetros sobre o ensino de língua, reforçam um redirecionamento sobre o comportamento linguístico social dos seus usuários. O esclarecimento e a reformulação, por parte de alguns estudiosos, sobre o ensino de língua materna e os conhecimentos pertinentes à construção da disciplina de língua portuguesa pautaram três concepções de linguagem, que são: a linguagem é a expressão do

pensamento, a linguagem é um instrumento de comunicação e a linguagem é um processo de interação.

No caso, não optamos por valorizar uma concepção de linguagem do que a outra, mas sim de esclarecer que os estudos de uma servem de complemento para os estudos da outra. Da mesma forma, Geraldi (2000, p. 46) afirma que

para o ensino de primeiro grau, as atividades devem girar em torno do ensino da língua e apenas subsidiariamente se deverá apelar para a metalinguagem, quando a descrição da língua se impõe como meio para alcançar o objetivo final de domínio da língua, em sua variedade padrão.

Nesse sentido, é preciso contemplar o estudo da linguagem enquanto processo de interação entre os sujeitos. É, a partir dessa concepção, que podemos compreender que ensinar a língua, pura e simplesmente, com uma explanação metalinguística, ou seja, a língua pela língua, o código pelo código, as regras pelas regras, limitaria, de alguma forma, a aprendizagem da língua materna como um processo de interação entre os sujeitos e o seu mundo, entre os sujeitos e o cotidiano diversificado da sociedade como um todo. É pela inovação que essa concepção sugere que buscamos entender as práticas de sala de aula observadas neste estudo.

### **Observação das aulas: uma análise de dados**

Para levantarmos os dados a serem analisados neste trabalho, observamos cinco aulas de português, ministradas por uma professora de Língua Portuguesa, que denominaremos aqui de Professora “A”, no 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular do município de Caraúbas. As observações das aulas da professora “A” e das atividades desenvolvidas por ela tiveram início no dia 16 de fevereiro até o dia 23 do referido mês.

No primeiro dia de observação, algumas das atividades que foram trabalhadas na semana anterior, pela professora, foram retomadas na aula. No caso, a professora “A” tinha selecionado dez contos para dez duplas da sala e pediu aos alunos que montassem uma pequena peça teatral baseada no conto que ela própria tinha repassado. Já no momento da apresentação, uma semana depois, alguns alunos, talvez, por se sentirem “inibidos” ou “nervosos” na hora de falar, apresentaram dificuldades de se expressar ou de explicar o

contexto da trama que envolvia suas histórias, pois a apresentação, o conteúdo e as características da narrativa não fluíram, nem ficaram claros.

No total, apenas três grupos, na visão da professora, não obtiveram êxito em suas apresentações. Isso, talvez, se deva ao fato de alguns alunos não terem se preparado ou estudado o suficiente para a realização deste exercício. Em seguida, a aula continuou com a correção de algumas questões de interpretação de texto do livro didático de Língua Portuguesa. Essas questões tinham sido repassadas também como “dever de casa”, sendo que, as explicações destas foram feitas com a utilização de Data Show, pois a professora quis mostrar, além do livro didático, os conceitos pertinentes aos gêneros textuais e ressaltar a funcionalidade desses contos populares para cultura local dos alunos. Como resposta, todos os alunos, na visão da professora “A” conseguiram atingir um percentual de satisfação nas apresentações dos contos e das respostas escritas nas questões do livro de língua portuguesa.

Encerrado esse primeiro momento, a professora “A”, ainda passou como dever para casa uma atividade que consistia na pesquisa de três a quatro dizeres populares. Os alunos tinham que transformar estes em dizeres padronizados pela norma culta da Língua Portuguesa. Para tal atividade, ela advertiu que seria necessária a utilização do dicionário para fazer as substituições das palavras comumente utilizadas no sentido popular para o sentido literal.

Encerrada a aula, os alunos tiveram vários dias para responder essa atividade, pois o período que interligava a resolução desta para sua entrega correspondeu justamente ao recesso do carnaval. Desse modo, acreditou-se que todos responderiam a essa questão para a aula seguinte. Entretanto, quando chegou o dia, o que se percebeu no resultado das respostas dos alunos foi justamente a falta de compreensão “total” da proposta dessa atividade. Enquanto muitos só tinham feito a pesquisa, outros nem se ocuparam em fazê-la.

A principal reclamação que surgiu no momento da aula foi que não souberam transformar ou construir um novo dizer para os ditados populares. Assim, a professora “A” sugeriu que todos acompanhassem novamente a explicação, sendo que, no momento dessa explicação, ela oportunizou a classificação morfológica das palavras que compuseram um ditado colocado no quadro. Assim, ela sorteou entre os alunos as significações dessas palavras no dicionário, foi quando, numa espécie de “jogo de perguntas e respostas”, que

“A”, ao construir um novo dizer, com outras palavras mais adequadas à norma padrão da língua, conseguiu com que os alunos entendessem a proposta da atividade.

Após todos terem entendido o modo de fazer o exercício, a professora disse que tentassem novamente fazê-la em casa. Depois, em uma pequena pausa feita por “A”, uma dinâmica foi realizada em sala de aula com os alunos. A brincadeira constituía em dar respostas “criativas” a perguntas intrigantes de um questionário. Dependendo da criatividade da resposta dos alunos, é que eles poderiam ir acertando ou errando as perguntas. Infelizmente, devido à complexidade das questões, quase todos não souberam responder, porém, todos se divertiram e conseguiram aprender mais uma brincadeira a ser aplicada em momentos de descontração.

Após esse momento de recreação, um retroprojetor foi montado na sala de aula para dar continuidade aos assuntos que estavam sendo ministrados. O nome do assunto era “língua falada e escrita”, e este, por sua vez, deu continuação às explicações dos temas e atividades trabalhados até aqui. O material confeccionado pela professora disponibilizava uma variedade de fatores que exemplificavam as influências e as transformações da língua no campo do discurso e das interações humanas. Com isso, ela pode oportunizar, no momento de sua aula, a participação dos alunos quanto ao compartilhamento de exemplos.

Desse modo, quando chegada a conclusão da aula e das observações, ela, a professora “A”, passou como atividade para casa, além da outra repassada antes do carnaval, um exercício sobre língua falada e escrita. As questões chamavam a atenção para a interpretação de alguns dos textos colocados em aula ou para a reformulação de algumas sentenças, do linguajar coloquial para a norma culta. Infelizmente, por questões de tempo e oportunidade não podemos obter os resultados dessa atividade. Porém, acreditamos que seus resultados devem ter se firmado positivamente nas expectativas montadas pela professora “A”.

Diante de todo o contexto de aula observado, dos métodos trabalhados pela professora “A”, das atividades realizadas, entre problemas quanto à compreensão dessas atividades ou soluções quanto ao seu entendimento, precisamos considerar o dinamismo com que a professora trabalhou com o estudo da língua em sala de aula. O trabalho em dupla, as representações dos contos na forma de peça teatral, o envolvimento dos alunos

com os conteúdos ministrados traduziram, de certo modo, uma concepção interacionista no trabalho com o ensino de língua materna. Todas as atividades observadas envolveram, predominantemente, muitos aspectos da concepção de linguagem enquanto processo de interação. Interação que se realizou entre os alunos e a professora, entre eles e o conteúdo e, principalmente, entre os alunos e o seu conhecimento de mundo.

### **Considerações finais**

Sabemos que a formação do professor vai além da aprendizagem durante o período de tempo do curso de licenciatura, uma vez que não podemos pensar que o aluno está pronto, pois soube o que deveria saber para desempenhar a profissão de ser professor. Na verdade, neste tempo, muitos estão legalmente e institucionalmente habilitados para lecionar. Porém, nem sempre essa questão se faz eminente no atual contexto escolar, pois distanciam ou deslocamentos necessários para formação contínua e crítica do professor.

No que corresponde à introdução deste trabalho, ao respaldo teórico e à análise das aulas, optamos por desenvolver uma discussão sobre a temática das práticas escolares do ensino de língua materna e das questões de ensino-aprendizagem dos alunos. Isso, em termos práticos, significa dizer que teríamos uma materialidade a ser analisada, um exemplo a ser observado e interpretado no universo do ensino de língua materna em sala de aula.

Assim, compreendemos, ao final de nossas considerações, que a professora “A” se manteve flexível na proposta e na resolução das atividades em sala de aula, pois conseguiu contextualizar o ensino de gêneros textuais com o estudo de gramática, e este, por sua vez, foi trabalhado a partir de exemplos extraídos de textos e de recapitulações de outros assuntos estudados pelos alunos, como, por exemplo: substantivo, verbo, adjetivo, estrutura de alguns gêneros textuais, figuras de linguagem etc.

No que diz respeito ao referencial teórico, vários autores, com visões que se complementam, foram basilares a nossa discussão e na comprovação dos dados analisados. Silva e Martins (2010) observam que é preciso considerar os movimentos da língua, tendo como base a maneira de se interagir com o meio social, o que traz a lume a essência do que se deve trabalhar e enaltecer na disciplina de Língua Portuguesa.

[...] *O que e por que razão* deveríamos ler na escola? Leríamos na escola, espaço de produção cultural, para ocuparmos o lugar de sujeitos, para questionarmos os

sentidos colhidos nas configurações textuais e propor-lhes outros sentidos. Nunca para nos acharmos diante dos textos partidos, às previsíveis respostas. *Como*, então, deveríamos ler na escola? Leríamos estabelecendo relações com as experiências herdadas da vida em sociedade, arriscando alcançar além do nosso conhecimento de mundo. E, por último, *para quem deveríamos* ler senão para interlocutores atentos, curiosos, capazes de contrapor suas ideias àquelas sugeridas pelo tecido de palavras, pelo trabalho prévio exercido por um determinado autor? (SILVA e MARTINS, 2010, p. 29).

Tais questões nos possibilitam refletir sobre o que envolve todo o processo de ensino-aprendizagem de língua materna. É preciso considerar o aluno enquanto sujeito socialmente situado em um contexto que, antes de qualquer conteúdo, antes de qualquer método aplicado, o tem como cidadão que interage com uma realidade que antecede a escola. Essa reflexão sobre o ensino de língua materna provoca-nos a valorizar o trabalho com a linguagem de modo a considerar o lado social e funcional da língua, pois, com ele, além de se respeitar as possíveis diferenças entre usuários de um mesmo sistema linguístico, conseguiríamos aprimorar nosso conhecimento de mundo em relação ao outro.

## Referências

- GERALDI, W. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.
- GOMES, M. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- MARCUSCHI, B. **Escrevendo na escola para a vida**. In: RANGEL, E; ROJO, R. (Orgs.). *Língua Portuguesa: ensino fundamental*. V. 19. Coleção Explorando o Ensino. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010. p. 65-84.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 8. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- SILVA, M; MARTINS, M. **Experiências de leitura no contexto escolar**. In: PAIVA, A; MACIEL, F; COSSON, R. (Orgs.). *Literatura: ensino fundamental*. V. 20. Coleção Explorando o Ensino. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010. p. 23-40.